

# Evocando Teófilo Braga, Literato da República

AMADEU CARVALHO HOMEM\*

O tenente de artilharia Joaquim Manuel Fernandes Braga foi despachado pelo governo miguelista para a ilha açoriana de S. Miguel no auge da confrontação entre os defensores das instituições absolutistas e os seus opositores liberais. Aí se encontrava no verão de 1831, quando o conde de Vila Flor, vindo da Terceira, submeteu o território e aprisionou contingentes militares miguelistas. O tenente Fernandes Braga partilhou a sorte dos vencidos e, depois de várias peripécias, acabou por ser deportado para a ilha de Santa Maria. Foi aí que se apaixonou pela filha mais velha do capitão de ordenança Inácio Manuel de Câmara. A eleita do seu coração dava pelo nome de Maria José da Câmara Albuquerque e o capitão Inácio, viúvo e a braços com o sustento de uma filharada numerosa, não teve dúvidas em favorecer as pretensões de casamento que lhe foram comunicadas pelo sentenciado teneinte. Corria o início do ano de 1833 quando o matrimónio se realizou.<sup>1</sup> Os filhos foram nascendo e Joaquim Manuel Fernandes Braga reconheceu que o futuro poderia ser agreste naquela ilha de minguados recursos e de reduzidas oportunidades. O mais importante centro da sociabilidade açoriana era indiscutivelmente Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel. Mudou para lá o seu domicílio em 1839 e passou a dedicar-se ao ensino, começando por abrir uma escola de instrução primária. A família foi crescendo e no sétimo parto de Maria José da Câmara Albuquerque, ocorrido em 24 de Fevereiro de 1843, nasceu um rapaz. Era mais um Joaquim, mas

o próprio se encarregaria, mais tarde, de o converter em Joaquim Teófilo, por gostos religiosos e afinidades de crença que a idade madura não confirmaria.

Ao tempo, a ilha de S. Miguel vivia tempos de grande brilho intelectual, revendo-se em figuras altamente representativas nos domínios das artes, das letras e da benemerência. José do Canto tivera o mérito de reunir uma excepcional biblioteca camoniana e era uma referência pelos contributos dados ao urbanismo e à economia da região. Ernesto do Canto distinguira-se na historiografia, sendo ainda audível e operante toda uma tradição poética micalense ligada aos nomes de Guilherme Read Cabral, Henrique de Andrade Albuquerque, José Maria Severim e José Bensaúde.<sup>2</sup> O mecenato cultural era em larga medida interpretado por Duarte Borges da Câmara Medeiros, potentado económico que fora feito visconde da Praia pelos relevantes serviços prestados ao liberalismo combatente. A própria música, na sua expressão sacral, se derramava a partir dos templos onde oficiava o Pe. Joaquim Silvestre Serrão, setubalense de origem e intérprete de memoráveis matinas em louvor do Espírito Santo. Foi este o estimulante clima que cercou Teófilo Braga na sua mais tenra meninice. Esta, porém, irá ficar ensombrada com o falecimento da sua mãe. Depauperada por sucessivas gestações, finar-se-á em Novembro de 1846. O pequeno Joaquim Teófilo contava menos de quatro anos de idade. A perda da mãe trouxe à família mudanças drásticas: a filha mais velha, Maria José, foi protegida pela viscondessa da Praia, acabando, mais tarde, por abraçar a vida religiosa no Convento da Esperança; Teófilo, por seu turno, viu-se confrontado, cerca de dois anos depois, com o trato pouco afectivo de Ricarda Joaquina Marfim Pereira, a nova mulher do seu pai. Ao longo da sua vida, com uma insistência

\* Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tem privilegiado na sua investigação os temas referentes à história do republicanismo em Portugal e à história da ideia democrática na Europa.

*Professor in the Arts Faculty of Coimbra University, focusing on the history of Republicanism in Portugal and the history of the concept of democracy in Europe.*

talvez exagerada, Teófilo Braga irá referir o desprezo a que foi votado pela madrastra e os efeitos nocivos dessa atitude no seu desenvolvimento.<sup>3</sup>

O ex-tenente Braga, já depois do segundo casamento, irá candidatar-se ao magistério oficial, acabando por ingressar no novo liceu de Ponta Delgada como secretário e professor. Foi nesse liceu que Teófilo fez toda a sua formação secundária. Também nele decorreu um episódio insólito, revelador da sua frontalidade insubmissa. Um professor lembrou-se de perguntar aos discípulos sobre a profissão que desejariam abraçar após a conclusão do curso. O aluno

Teófilo Braga replicou, sem pestanejar, que queria ser doutor. O professor opinou que não via moita de onde saísse tal coelho. E este mesmo aluno obtemperou, sem vacilar: “O sr. professor não tem faro”.<sup>4</sup> A verdade é que a sua vida intelectual não se restringia à rotina das aulas. Ajudado por Francisco Maria Supico, farmacêutico da Misericórdia de Ponta Delgada e nome já relevante no jornalismo micaelense, Teófilo publicou na folha *Estrela Oriental*, da Ribeira Grande, o poema “A canção do guerreiro”, dedicado ao seu irmão João Fernandes Braga. Corria o princípio do ano de 1858 e outras poesias da sua lavra foram aparecendo.<sup>5</sup> As condições



## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

de produção em prosa e verso não podiam ser piores. Não dispunha de pena, tinta ou papel. Supria estas dificuldades como podia, escrevendo na parte não impressa dos requerimentos de matrícula do liceu. Com o apoio de Supico, chegou a criar jornais de efêmera duração, como *O Meteoro* (1858) e *O Santelmo* (1859). Foi com base numa parte desta produção poética que surgiu, por esta altura, o seu livro *Folhas Verdes* (1859), em homenagem antitética às *Folhas Caídas*, de Almeida Garrett. O original da obra foi apresentado ao visconde da Praia, almejando alcançar para o autor um mecenato que lhe abrisse as portas de uma academia no continente. Mas o benfeitor ou não entendeu o que se pretendia ou se fez desentendido. O máximo que se alcançou foi o custeio da impressão da obra.

Quando os estudos secundários foram concluídos, Teófilo Braga sentiu a urgência de dar um rumo à vida.

Manuel de Arriaga, primeiro Presidente eleito da República.



Chegou a ponderar a ideia de procurar no Brasil ou na América inglesa os meios de subsistência necessários à sua independência.<sup>6</sup> Francisco Maria Supico, seu amigo e confidente, desaprovou o plano. O seu pai também dele discordou, sugerindo-lhe a hipótese de continuar os estudos em Coimbra, desde que lá pudesse aguentar-se com um apoio financeiro que não poderia ser senão diminuto, devido ao volume das despesas familiares. O conhecimento da sua força interior e a audácia dos seus dezoito anos levaram-no a aceitar o repto. Saiu da ilha, rumo a Coimbra, em Fevereiro de 1861. Tomara a decisão, que iria ser cumprida, de não mais regressar à sua terra natal para não ter que cumprir a lei do recrutamento militar e talvez também para se furtar às responsabilidades de uma paternidade ilegítima e obviamente indesejada.<sup>7</sup>

O jovem Teófilo Braga arribou a Coimbra em meados de Abril de 1861, sem ter ainda uma ideia clara sobre o curso que deveria frequentar. É que se depreende do teor de uma carta para Francisco Maria Supico, datada de 18 desse mês: “Estou amando agora a vida eremítica e seguirei o seu conselho formando-me em Teologia”.<sup>8</sup> Na hora da decisão, porém, a preferência recaiu sobre o Direito. Talvez para isso tenha contribuído o facto de ter estreitado relações com vários estudantes desse curso, alguns dos quais seus conterrâneos, como Antero de Quental. É que Teófilo começou por residir na casa de hóspedes de Filipe de Quental, tio de Antero, onde também este se abrigava. Mas foi uma breve passagem por esse lugar. A preocupação de encontrar alojamentos mais baratos foi uma constante na vida académica de Teófilo, atendendo à exiguidade dos seus recursos.

A cidade de Coimbra não agradou àquele estudante recém-vindo. Era, ao tempo, uma urbe dobrada sobre si, onde se chegava de carroça ou diligência, por não ser ainda servida pelo caminho-de-ferro. O corpo estudantil não contaria com mais do que dois mil estudantes. As ruas pareceram-lhe demasiadamente estreitas e infectas e o meio afigurou-se-lhe pouco amigável:

“Para vencer o meu combate da vida, adquiri aqui um conhecimento nítido do meio *coimbrão*, dos seus tipos heteróclitos, o lente sempre hostil, no seu isolamento cardinalesco e pedante, o estudante sempre díscolo, e desvairando na troça desenfreada, e no meio disto o *futrica* ou o *filhote* da terra, exercendo um antipático parasitismo”<sup>9</sup>.

## PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II

A penúria material de Teófilo forçou-o a adoptar um estilo de vida parcimonioso, nada boémio e apartado das normais efusões da idade moça. Mas o seu orgulho impediu-o de se inferiorizar perante os demais colegas. Passou a cultivar a distância, defendendo com intransigência o seu reduto privado.<sup>10</sup> Eis um dos seus depoimentos sobre outros estudantes com quem partilhava o alojamento:

“Os companheiros de casa parecem-me inofensivos; apesar de tudo conservo sempre esta distância conveniente a que a boa sociedade chama delicadeza, que a ninguém ofende, e com a que me dou perfeitamente, porque ma não embaraçam”.<sup>11</sup>

Mas o meio cultural de Coimbra contribuiu poderosamente para a continuidade da aventura mental teofiliana. Foi na cidade do Mondego que o nosso jovem iria prosseguir a sua caminhada poética. Foi também nela que lhe foi permitido contactar com a melhor produção cultural europeia que marcava indelevelmente o espírito do tempo. Deu conta então que a ciência histórica se renovara com Michelet e Quinet, que o idealismo ganhara expressão dialéctica com Hegel, que o cristianismo se naturalizara através dos livros de Strauss e Renan, que a exigência da ética social se aprofundara com Proudhon e com as diatribes de Victor Hugo, que a simbologia pagã se decantara com Creutzer, que a burguesia oriunda da revolução industrial encontrara em Balzac o seu mais rigoroso cronista, que o fixismo bíblico era agora interpelado pelo evolucionismo de Darwin e que, numa palavra, se propagava em Coimbra um “grande tumulto mental”.<sup>12</sup> Mas o estímulo não provinha apenas do torvelinho das ideias. Resultava igualmente do facto aleatório de se ter reunido na cidade universitária uma brilhantíssima aristocracia intelectual de discentes, contando-se entre estes os nomes de Eça de Queirós, Manuel de Arriaga, José Falcão, Antero de Quental, Germano Meireles, António de Azevedo Castelo Branco, Lobo de Moura, Alberto Sampaio e tantos outros.<sup>13</sup> O próprio cenário da política internacional, na sua dimensão polémica, convidava a academia à tomada de posições firmes. A resistência anti-saxónica da Irlanda e a luta dos patriotas italianos pela unidade do seu país, contra a teocracia pontifícia, eram bandeiras obrigatórias da juventude universitária. Mas não era aqui que se centravam as controvérsias mais acesas. A maior contestação visava o reitor

Basílio Alberto de Sousa Pinto, que se tornara antipático ao espírito de emancipação estudantil por pretender impor a mais estrita aplicação dos códigos e regulamentos académicos. Numa altura em que os estudantes procuravam libertar-se dos vestígios ancestrais que os fazia adoptar um traje em tudo similar ao dos eclesiásticos, o autoritário reitor impunha a batina apertada nas costas e o cabeção, o sapato de fivela e o calção cingido acima do joelho, a meia preta e a interdição do uso de gravatas ou das calças pendentes sobre o calçado. O grupo de Antero de Quental iria chefiar a rebelião, criando a “Sociedade do Raio” e congeminando formas eficazes de confrontação com o insustentável poder reitoral.<sup>14</sup> Foi no seio desta agremiação secreta que se preparou uma pública manifestação de repúdio, a qual veio a concretizar, no dia 8 de Dezembro de 1862, uma célebre evacuação da Sala Grande dos Actos ou Sala dos Capelos. Os estudantes aproveitaram a cerimónia de distribuição dos prémios académicos para desertaram em massa dessa simbólica sala, deixando o reitor a falar para um espaço esvaziado. Este gesto de desprezo teve tal repercussão que Antero sentiu a necessidade de redigir um documento justificativo, o “Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra à opinião ilustrada do País”, que juntou 316 assinaturas. Não subsistem dúvidas de que Teófilo Braga nutriu por Basílio Pinto uma animosidade em tudo idêntica à de muitos dos seus colegas. Por isso, foi um dos signatários do “Manifesto”. Mas não pertenceu à “Sociedade do Raio”, que mais tarde haveria de caracterizar como “uma pura imitação teatral das Carbonárias italianas, na luta contra o despotismo austríaco”.<sup>15</sup> Ao que se sabe, também não tomou parte activa na trama conspiratória que culminou na memorável debandada.

Por finais de 1863 e inícios de 1864, suscitar-se-iam novos atritos, mas agora com o poder governamental. Os estudantes, a pretexto do próximo nascimento do príncipe herdeiro de D. Luís e de Dona Maria Pia, solicitaram que lhes fosse concedido um “perdão de acto”, ou seja, que lhes fosse autorizada uma passagem administrativa de ano escolar. O governo não se prestou a oferecer tal benesse e os estudantes queimaram à Porta Férrea um boneco de palha que pretendia personalizar o duque de Loulé, chefe do Executivo. Este acto ficou conhecido sob a designação de *Rolinada*. O acréscimo de tensões levou

## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

a que o governo reforçasse o dispositivo militar da cidade. Os estudantes sentiram-se injuriados por esta manifestação de força e, uma vez mais sob a chefia de Antero de Quental, decidiram abandonar Coimbra e retirar para o Porto. Este êxodo, porém, não contou agora com a concordância de Teófilo Braga, o qual foi submetido a uma especial vigilância por parte dos amigos de Antero para que não pudesse tecer alargadas considerações na assembleia geral académica que tomou tal deliberação.<sup>16</sup>

*Teófilo Braga sentiu a urgência  
de dar um rumo à vida.*

*Chegou a ponderar a ideia  
de procurar no Brasil  
ou na América inglesa os meios  
de subsistência necessários  
à sua independência.*

Os hábitos quotidianos de Teófilo não difeririam substancialmente daqueles que eram observados em Coimbra por estudantes aplicados e pobres. Passava muito tempo no seu quarto, dando-se ao estudo das lições dos lentes, compulsando obras habitualmente referidas nos círculos da “rapaziada literária”<sup>17</sup> conimbricense e burilando as suas próprias composições poéticas. A aridez deste severo regime era apenas quebrada quando se permitia fazer alguns passeios a pé, tendo como alvos lugares próximos de romagem, como Santo António dos Olivais, ou até aprazíveis e mais distantes paragens, como as da mata do Buçaco. O nosso estudante referiu ter vivido em Coimbra, sobretudo nos primeiros tempos da sua permanência, um peculiar “estado de poesia”, tal como Novalis o havia caracterizado, falando numa “sinergia que tendia a converter-se em força criadora”.<sup>18</sup> O seu interesse pela produção cultural exterior ao âmbito estritamente académico não oferece dúvidas. Atesta-o a sua colaboração na reputada revista *O Instituto*, onde escreviam diversos professores universitários, e o carinho por ele dispensado a jornais administrados e colaborados por estudantes, como *O Fósforo*, *O Tira-Teimas*, *O Pirilampo*, *O Átila* e tantos outros. O esparso

e garrettiano esforço das *Folhas Verdes*, simples primícias literárias sem grande profundidade, irá agora ganhar a força disciplinadora de uma sistematização. Muitos dos autores da sua especial predilecção – de Michelet a Vico, de Creutzer a Victor Hugo, de Quinet a Hegel, de Herder a Goethe – centravam o seu esforço de síntese sobre a aventura da espécie humana na asa da evolução temporal. Teófilo, em concordância com este quadro de inspirações, iria abrir a sua poesia ao simbolismo da historicidade.<sup>19</sup> Aplicou-se, portanto, a redigir um volume de versos cuja proximidade intencional com a *Légende des Siècles*, de Victor Hugo, ressalta do próprio título. A obra de Teófilo Braga intitulou-se *Visão dos Tempos*, pretendendo tracejar, à semelhança de Hugo, um fresco compreensivo da sucessão das civilizações, glosando poeticamente as suas referências simbólicas mais evidentes.<sup>20</sup> O pendor filosófico do projectado livro quebrava a tradição sentimental e puramente subjectiva do ultra-romantismo, tal como este fora interpretado pelas penas de Soares de Passos, João de Lemos ou Luís Augusto Palmeirim.

Findo o trabalho, o maior problema residia em encontrar um editor que por ele se pudesse interessar. No início das férias grandes de 1863, Teófilo deslocou-se ao Porto com esse fim. A Casa Moré, gerida por José Gomes Monteiro, apresentava os mais sólidos créditos de instituição editorial. Nela haviam aparecido romances históricos de Rebelo da Silva e Andrade Corvo e algumas ficções de Camilo Castelo Branco. O nosso candidato a autor entregou timidamente o original a Gomes Monteiro e aguardou o veredicto, o qual viria a ser rasgadamente favorável. A Casa Moré preparou uma edição cuidada, a qual incluiu uma estampa do autor, gravada em cobre.<sup>21</sup> Teófilo conseguiu da mesma editora a publicação do poemeto *Stella Matutina*, numa reduzidíssima tiragem de cinquenta exemplares. Em Dezembro deste mesmo ano de 1863 recebeu de Gomes Monteiro, por conta de direitos de autor, uma ordem de pagamento de dez libras. Exultante, iria desabafar assim, meses depois, para o inevitável Supico: “nos momentos de uma grande vontade, tenho o poder de transformar em dinheiro aquilo para que olho”.<sup>22</sup> O jornalismo coevo acolheu a *Visão dos Tempos* com o maior entusiasmo. O exemplo foi dado por Antero de Quental, que numa notícia anónima para o jornal de Penafiel, *O Século XIX*, gerido pelo seu amigo Germano Meireles, declarou enfaticamente que o pior que o livro tinha

## PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II

era a grosseria de entendimento e a impreparação cultural do público.<sup>23</sup> Um crítico de créditos firmados, Manuel Pinheiro Chagas, afinou pelo mesmo diapasão de encômios no *Arquivo Pitoresco*. Como se isto já não fosse bastante para o deslumbramento, a conhecida atriz Manuela Rey recitou-lhe o poemeto *Stella Matutina* nos principais palcos de Lisboa e do Porto. A *Revista Contemporânea* imprimiu nas suas páginas o poemeto *A Última Gargalhada de Mefistófeles*, referido com críticas elogiosas pela *Gazeta de Portugal*. Por seu turno, o *Jornal do Comércio* propôs-lhe a colaboração remunerada de quatro artigos mensais. Até do Brasil choviam louvores, através das apreciações de Belfort Duarte no *Correio Paulistano*.<sup>24</sup> A Fama chegava de mãos dadas com a Pecúnia! Parecia tratar-se de um irreversível e sonoro triunfo.

Em certas naturezas reservadas e feridas pela inclemência do viver, a surpresa do êxito momentâneo pode exacerbar formas de egotismo megalómano e de desprezo genérico por terceiros. Cremos que foi um pouco isto que aconteceu a Teófilo Braga, conforme parece deduzir-se de várias passagens da sua correspondência:

“Aqueles que nunca me quiseram reconhecer superioridade vêm agora cercar-me com suaslouvaminhas estúpidas. Eu rio-me de todos eles, interiormente, porque os músculos faciais têm pouca contractibilidade”.<sup>25</sup>

“Os elogios banais de grande parte da imprensa afligem-me, porque não vejo consciência do que dizem. Há entre nós uma falta absoluta de senso estético.<sup>26</sup> [...] Gente de importância tem querido ser-me apresentada e eu recuso-me a isso”.<sup>27</sup>

Antes de 1864 terminar, o nosso vitoriado autor publicará uma outra obra poética, as *Tempestades Sonoras*, dentro do molde filosófico historicista e simbolista que tinha já garantido o aplauso da crítica à *Visão dos Tempos*. Aquela obra era antecedida por um preâmbulo intrincado e pouco perceptível. Isso explica que o juízo de Pinheiro Chagas, embora positivo, tenha sido agora mais contido, sobretudo nos reparos feitos às tais considerações obscuras. Mas a apoteose irá perdurar. Nas férias do Natal, Teófilo Braga foi homenageado em Lisboa com uma refeição à qual compareceram individualidades literárias muito prestigiadas, contando-se, entre elas, António Feliciano de Castilho, Latino Coelho, Mendes Leal, Luís Augusto

Palmeirim, Júlio César Machado, Silva Túlio e o Conde de Ficalho. Tratar-se-ia do definitivo reconhecimento público? Talvez não. Nos primeiros dois terços do ano de 1865, as reticências para com os seus trabalhos literários irão acumular-se. No *Diário Oficial do Império do Brasil*, António Feliciano de Castilho fez publicar uma carta de apreciação às *Tempestades* que não se saldava por um aplauso sem restrições; pouco depois, no *Jornal do Comércio*, Camilo Castelo Branco e Manuel Pinheiro Chagas secundá-lo-ão, declarando Chagas, com azeda ironia, que Teófilo tomava todos os dias “tisanas filosóficas”.<sup>28</sup>

Entretanto, Coimbra ia mudando. Em Abril de 1864, o esforço de abertura de uma via férrea entre Lisboa e o Porto contemplou Coimbra, finalmente servida pelo meio de transporte que melhor lhe poderia quebrar o isolamento. A partir de então, a cidade universitária converteu-se num objecto de curiosidade por parte de numerosos forasteiros. Deste modo, chegou à cidade, de visita, a família Barros Leite, vinda do Porto. O grupo, composto pela velha mãe acompanhada por dois filhos estudantes – um condiscípulo de Teófilo em Direito e outro cursando Medicina – e por uma filha, “menina gentil e fresca, que teria os seus 18 a 20 anos”, passou junto à janela do nosso açoriano. O condiscípulo de Teófilo chamou-o para o saudar e a família continuou a sua deambulação. O efeito foi instantâneo:

“Cumprimentei e sem demora seguiram o seu caminho. Eu é que fiquei abalado diante daquela perspectiva da irmã do meu condiscípulo, e para definir a minha situação fala aqui por mim Camões: *E logo presa / A vontade senti de tal maneira, / Que nada sinto ainda que mais queira*”.<sup>29</sup>

Através do irmão, Teófilo Braga encontrou maneira de se imiscuir no seio da família e de iniciar um namoro que, anos depois, o haveria de conduzir ao casamento.

Por este tempo, já não era um anónimo, um vulgar estudante como os demais. Os professores anotavam o seu bom desempenho académico, conhecendo igualmente o seu talento literário. Conquistara também o respeito dos colegas, que o encaravam como uma comprovada inteligência e como um laboriosa vontade, antevendo-lhe largos voos. Aliás, Teófilo tudo fazia para manter bem alta a sua reputação. Escrevera uma peça de teatro para ser representada no Teatro Académico. O entrecho versava sobre a perseguição movida pelo

## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

marquês de Pombal a Ferreira Garção, fundador da Arcádia, sublinhando a infâmia da decisão de libertação tomada por Pombal depois de tomar conhecimento que Garção expirara no Limoeiro.<sup>30</sup> A peça, em dois actos, intitulava-se *Sede de Justiça*, mas mudou para *Resignação* por vontade da direcção do teatro. A estreia aconteceu na noite de 29 de Abril de 1865, data de aniversário da Carta Constitucional. Eça de Queirós desempenhou o papel do protagonista mas a peça não agradou, talvez devido ao prosaísmo “agreste e didáctico”<sup>31</sup> com que Teófilo a cerziu e à utilização de vocábulos empolados e sem a menor naturalidade. Na sua apresentação foram distribuídas pela assistência umas quadras da lavra de Guerra Junqueiro, por ele expressamente dedicadas ao autor da obra teatral.

O ano de 1865 não chegaria ao seu termo sem que Teófilo se envolvesse numa contenda literária de grandes dimensões. O ponto de partida centrou-se numa apreciação que António Feliciano de Castilho incluiu na obra de Manuel Pinheiro Chagas *Poema da Mocidade*, objectando à forma e substância das obras publicadas no passado mais próximo por Antero de Quental e Teófilo Braga.<sup>32</sup> Antero acabara de escrever as *Odes Modernas*, cujo conteúdo revolucionário desagradara a corrilhos lisboenses afectos a Castilho. Assim, veio à liça com o folheto *Bom Senso e Bom Gosto. Carta ao Excelentíssimo Senhor António Feliciano de Castilho*<sup>33</sup> e Teófilo foi-lhe na peugada, escrevendo *As Teocracias Literárias. Relance sobre o Estado Actual da Literatura Portuguesa*.<sup>34</sup> Em ambos os casos nos encontramos perante a reivindicação da actualização temática e filosófica das letras portuguesas, tarefa para a qual os dois açorianos consideravam inapto o patriarca Castilho. A refrega tornou-se geral e constituiu, sem dúvida, “uma forte machadada no modelo romântico, verboso e repetitivo, artificial e conservador”.<sup>35</sup> Antero e Teófilo apontavam claramente para um novo modelo, ainda romântico, mas “mais social e abstractivo, mais simbólico e filosofante, com uma seiva fornecida pelo historicismo teórico do idealismo alemão, pela historiografia romântica francesa e pelas imprecizações de autores socialistas ou socializantes”.<sup>36</sup> Seria desadequado detalhar aqui todas as minudências desta polémica, que passou à história sob o nome de “Questão Coimbra”. Nela se comprometeram alguns dos nomes mais sonantes da cultura portuguesa oitocentista, com relevo para os de Ramalho Ortigão, Camilo Castelo Branco, Teixeira de Vasconcelos, Alberto Osório de Vasconcelos, Urbano

Loureiro e Luciano Cordeiro. Teófilo dera liberdade nesta contenda à sua ira, cometendo a imperdoável deselegância de considerar, nas suas *Teocracias*, que a reputação de que gozava Feliciano de Castilho se devia ao facto de ser cego.<sup>37</sup> Num repente, viu sumir-se a torrente de elogios que sobre ele fora anteriormente espargida e também minimizados os proventos que ia auferindo. Assim, o *Jornal do Comércio* retirou-lhe a avença anteriormente estipulada. Mas, ao contrário da lenda que Teófilo pôs a correr, não é verdade que o seu equilíbrio económico tivesse ficado irremediavelmente comprometido. Os *Contos Fantásticos*, que José Fontana lhe fez imprimir através da livraria Bertrand, tiveram bom acolhimento e a *Ondina do Lago* viria a proporcionar-lhe a correspondente remuneração. Porém, o temporal literário em que se envolvera iria cavar ainda mais os alicerces de uma cidadela psicológica sumamente individualista, de iniludíveis contrafortes narcísicos, associados à agressividade implacável com que passou a encarar quase todas as relações de coexistência social. Existem excertos na sua correspondência amorosa que falam por si:

“vejo em volta de mim a degradação e a vileza, a estupidez que iguala tudo, o cinismo que tudo deturpa”.<sup>38</sup>

“O amor subiu-me à cabeça [...] Os outros não têm isto na vida; eu sei-o perfeitamente, porque os vejo baixar, infames, torpes, frívolos, inúteis”.<sup>39</sup>

“A vida de foragido que tenho levado desde os primeiros anos, acostumara-me a ver em cada pessoa um inimigo; fugia para mim mesmo, para a fortaleza interior. O que tinha a esperar deles? Nada. O que podiam exigir de mim? Apenas as acções de justiça que são frias, impassíveis. Fiquei com esta severidade e aspereza que me ia tornando intratável, incapaz de me dar com os outros, com um carácter duro que o seu amor tem adoçado”.<sup>40</sup>

A “vida de foragido” referida por Teófilo não passava, nesta fase da vida, de uma construção subjectiva. Bastará referir dois ou três factos para que a ficção se esfume. Longe de ser perseguido, ele era em Coimbra muito considerado intelectualmente. Luís Jardim, estudante do 6.º ano de Direito e candidato à carreira docente universitária, instou-o a redigir uma parte da sua dissertação inaugural, tarefa que foi aceite contra a ocupação por Teófilo de uma sobreloja independente do proponente, o que lhe

## PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II

poupou encargos de alojamento. Também satisfez o pedido do professor Pais Novo, da Faculdade de Direito, de catalogar as livrarias das ordens religiosas de Coimbra, ficando expectante quanto à hipótese, também nessa altura mencionada, de poder vir a desempenhar as funções de conservador ou de sub-bibliotecário da Biblioteca da Universidade.<sup>41</sup> A comprovação definitiva da sua notoriedade académica está no convite que a Faculdade de Direito lhe dirigiu, após a conclusão do seu 5.º ano, para cursar mais um ano e defender a tese de doutoramento que o poderia habilitar ao ingresso no magistério superior. O convite seria aceite.

Na primavera de 1868, Teófilo Braga contraiu casamento, no Porto, com Maria do Carmo Barros Leite, ficando a viver provisoriamente na casa dos sogros. Tornava-se agora mais necessária do que nunca a estabilização que lhe poderia ser trazida por um estatuto profissional. Antes do doutoramento, candidatou-se à cadeira de Direito Comercial da Academia Politécnica do Porto, mas ficou excluído por unanimidade.<sup>42</sup> Depois dele, aguardou longamente que fossem abertas vagas de lentes substitutos na Faculdade de Direito em Coimbra para poder disputar uma delas. Neste interim, ribombará sobre Teófilo o juízo desapiedado de Alexandre Herculano, um dos árbitros mais respeitados do horizonte cultural de então. Contém-se esse juízo numa carta, de 1869, que o famoso autor da *História de Portugal* dirigiu a Oliveira Martins, agradecendo-lhe um opúsculo onde este se pronunciava acerca do *Romanceiro* e do *Cancioneiro* teofilianos. Herculano deplorou nessa missiva o gongorismo da filosofia teofiliana da história, acrescentando as seguintes considerações, arrasadoras para Teófilo, por se reportarem a traços tidos por ele como intocáveis:

“Teófilo Braga é uma inteligência completa e uma grande vocação literária, mas uma fraca vontade; *gosta* de fazer ruído; *deseja* adquirir reputação; não possui porém o *querer* robusto que vai até ao sacrifício, que vai até ao martírio e que é preciso para se tornar um homem superior”.<sup>43</sup>

Herculano passou imediatamente à galeria negra dos ódios de Teófilo, indo ser, doravante, um dos alvos proverbiais dos seus múltiplos ressentimentos. A este dissabor iria suceder-se um outro: em Fevereiro de 1871 viu-se preterido por outros candidatos, que considerava inferiores a si, no concurso que finalmente abriu para o provimento de lentes substitutos



Maria do Carmo Braga, esposa falecida em 1911.

da Faculdade de Direito. Um dos admitidos foi Luís Jardim, a quem escrevera, em 1866, parte da dissertação inaugural! Uma vez mais, Teófilo Braga não iria descartar a ocasião de acertar contas com o júri da instituição e com a sua própria *alma mater* na *História da Universidade de Coimbra*, que haveria de redigir, muito mais tarde, dentro do mais implacável e severo estilo condenatório.<sup>44</sup>

Numa índole sistemática como a de Teófilo tinham necessariamente de preponderar imperativos de unidade criativa. O historicismo era a matéria-prima na qual se deveria plasmar a regra de um encadeamento necessário. As suas conversas com Joaquim Duarte Moreira de Sousa, professor de Matemática do liceu de Castelo Branco e convicto positivista,<sup>45</sup> produziram nele um efeito tamanho que se lhe impôs a necessidade de remodelar a epopeia da humanidade que exaltara avulsamente na *Visão dos Tempos*, nas *Tempestades Sonoras* ou na *Ondina do Lago*.<sup>46</sup> Por sua vez, a diversidade de leituras de autores mais alinhados pelo

## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

“espírito de positividade” – como Herbert Spencer, Stuart Mill, Renan, Vacherot, Darwin ou Haeckel – do que pela obediência estrita e literal a Augusto Comte e a Emílio Littré, encaminharam-no para uma síntese de teor epistemológico cientificista e de conteúdo político republicano.<sup>47</sup>

Esta inflexão mental estava a iniciar-se quando Teófilo Braga se apresentou, em Maio de 1872, ao concurso oficial para provimento da terceira cadeira (Literatura Moderna da Europa, especialmente a portuguesa) do Curso Superior de Letras. Teve como opositores Manuel Pinheiro Chagas, o dilecto de António Feliciano de Castilho, e Luciano Cordeiro, cuja ideologia o tornava simpático ao poder vigente. Sentindo que jogava o seu futuro neste lance, Teófilo esmerou-se na redacção de uma tese de bom nível, intitulada *Teoria da História da Literatura Portuguesa*. O que neste embate se tornou muito singular e dificilmente explicável foi o patrocínio dado por Antero de Quental, no folheto *Considerações sobre a Filosofia da História Literária Portuguesa (A Propósito de Alguns Livros Recentes)*, à candidatura de Pinheiro Chagas, exaltando-lhe calorosamente a tese.<sup>48</sup> Pois não era Chagas o mesmo que movera guerra sem quartel aos dois açorianos no decurso da “Questão Coimbrã”? Não era ainda ele o favorito de Feliciano de Castilho, contra o qual Antero escrevera folhetos indignados? Não fora a pena de Teófilo a defender a mesma barricada literária na guerrilha de 1865-1866? E não se mantivera ele mudo perante o abuso perpetrado no ano anterior pelo conterrâneo, ao incluir-lhe o nome, sem sequer o consultar, no panfleto anunciador das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense? O triunfo indiscutível que Teófilo Braga alcançou neste concurso não foi suficiente para lhe aplacar a animosidade em relação à figura moral e literária de Antero, postura que iria manter até ao fim da vida.

A partir deste momento iniciar-se-á uma nova fase da vida de Teófilo Braga. Já com uma filha nascida, mudou-se para Lisboa, acabando por se fixar na Travessa de Santa Gertrudes, à Estrela, num “prediozinho azulejado e estreito”,<sup>49</sup> e trilhando um longuíssimo magistério no Curso Superior de Letras. Que imagem deixou ele aos seus alunos como professor? Não podemos dizer que os tenha deslumbrado. Os depoimentos que chegaram até nós sublinham a sua “voz baixinha, em ritmo invariável, fluindo numa exposição improvisada, sem atractivo

que não fosse um ou outro imprevisto encontro do termo pitoresco da linguagem do povo com o termo solene da tecnologia científica”.<sup>50</sup> Ninguém lhe poderia contestar a erudição, mas muitos se queixaram da “monótona frieza”<sup>51</sup> do seu discurso pedagógico. Talvez por isso, as suas aulas foram invariavelmente pouco frequentadas, uma vez que as prelecções se tornavam enfadonhas e difíceis de acompanhar. Foi também um professor dotado de uma indulgência quase sem limites: segundo consta, só uma vez reprovou um aluno, na presidência de um júri onde lhe coube o voto de desempate.<sup>52</sup> É muito provável que no seu cérebro ecoasse o raciocínio que alguns discípulos imaginaram vislumbrar-lhe: “Reprovar? Não. Reprovado fui eu três vezes consecutivas, comentava ele, e eu era Teófilo Braga. Nada, nada, não quero tirar o pão a ninguém. Aquele primeiro comentário não o aduzia ele mas admitíamo-lo nós”.<sup>53</sup>

Era previsível a sua entrada na militância republicana. Assim, foi alistar-se na ala esquerda do republicanismo do tempo, escrevendo alguns dos mais vigorosos artigos de fundo no semanário *O Rebate*, de tendência federalista. Apesar da sua função docente, não hesitou em filiar-se no Centro Republicano Democrático, quando este se organizou em 1875. As intrigas entre facções levaram-no a manter-se passivo até 1878. Os federalistas que se haviam excluído daquele Centro fizeram-no aceitar nesse ano uma candidatura a deputado pelo círculo 94. Foi através dele que nesse acto eleitoral vingou a nova forma do “mandato imperativo”, o qual divergia das outras formas de representação porque supunha a existência de um vínculo contratual escrito entre os eleitores apoiantes e o mandatário.<sup>54</sup> Obteve nesse acto eleitoral mais de quatro centenas de votos – resultado muito lisonjeiro, dadas as prevenções anti-republicanas que a monarquia instilava na opinião pública – mas não logrou entrar na correspondente câmara legislativa. Foi ainda durante esse ano de 1878 que surgiu em Portugal o primeiro número da revista *O Positivismo*, como resultado da cooperação mantida entre Teófilo Braga e Júlio de Matos. Arrostando ambos com as maiores contrariedades para conferirem ao projecto a necessária viabilidade, tendo sido capazes de erguer uma publicação que representou, sem a menor

Mulher e filha de Teófilo Braga, in Gaspar Diogo e Elsa Alípio (eds.), *As Primeiras Damas da República Portuguesa, 1910-2005*. Lisboa: Museu da Presidência da República, 2006

PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II



## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

dúvida, o momento mais alto da difusão sistemática do positivismo em Portugal.<sup>55</sup> Significa isto que os primórdios da Sociologia entre nós se acham cronologicamente balizados pelos anos de publicação da revista, a qual só irá desaparecer em 1883. *O Positivismo* “ratificou entre nós aquela orientação teórica de vanguarda que fundia a parte propriamente científica do pensamento de Augusto Comte com o evolucionismo biológico de Darwin, Wallace, Haeckel e Baer e até com vincadas influências do materialismo de Büchner”.<sup>56</sup> A solidariedade intelectual entre Teófilo e Júlio de Matos é tanto mais surpreendente, pela sua tenacidade e militância, quanto é certo que entre ambos se interpunha a distância que separava as cidades de Lisboa e Porto, onde ambos, respectivamente, viviam.

O que continuava a crescer era a sua obra. No remanso doméstico da Travessa de Santa Gertrudes, à Estrela, a vida era repartida entre as alegrias familiares, agora complementadas pelas travessuras de dois filhos pequenos, e uma incessante labuta de pesquisa e de síntese, num esforço vertido em páginas incontáveis. Foi esse titânico esforço que fez um dia Ramalho Ortigão sublinhar que Teófilo “não publica um volume por semana pela razão única de que não há prelos em Portugal que acompanhem a velocidade vertiginosa da sua pena”.<sup>57</sup> O seu gabinete de trabalho era a sala onde instalara a sua biblioteca. Aí se acumulavam os papéis e documentos que lhe serviam de suporte à redacção. Escrevia “em largas folhas de papel, de um lado e outro”, numa caligrafia “rápida, fina e irregular”, que servia uma forma “espontânea, regular e natural”. Albino Forjaz de Sampaio, que bem o conheceu, acrescenta:

“Quando tenciona fazer algum trabalho leva para junto da sua mesa todos os livros e todos os materiais que com ele se relacionam. Então começa escrevendo, isoladamente, sem convivências mais que a dos seus livros e a dos seus alunos e em curto espaço de tempo dá-nos um volume cheio de erudição”.<sup>58</sup>

Pai desvelado e atento, era o seu canivete que moldava a cortiça ou a madeira para, nos intervalos do estudo, produzir os mais ingénuos e imaginosos brinquedos com que os filhos se recreavam. Professor de saber erudito, reconhecido pelos seus colegas e contemporâneos cultos, repudiava com clareza toda a sorte de ostentações de elite. Neste último aspecto, muitos lhe censuravam a exagerada modéstia do

vestuário, que alguns qualificavam de desleixo, e nem todos aplaudiam os hábitos plebeus de recorrer por sistema aos transportes públicos, ombro a ombro com o mais comum dos lisboetas. A sua figura franzina movia-se através do recurso a passadas curtas, quase sempre apressadas, como se em cada momento o acicatasse o agulhão de uma ideia fixa, absorvente, ou a pressão de uma tarefa urgente. A silhueta de Teófilo tornava-se ainda inconfundível pelo pitoresco que lhe era adicionado pelo seu inseparável guarda-chuva. Essa *malva* – como então lhe chamaram – tornou-se lendária e gerou frequentes zombarias. Muito poucos a souberam filiar na originária precaução do ilhéu açoriano em relação à instabilidade meteorológica do torrão natal, servindo-lhe de arrimo em todas as estações do ano. O tempo consagrado ao ócio não abundava. Apesar de tudo, Teófilo conservou o hábito de dar passeios a pé, agora dentro de Lisboa, à semelhança do que praticara em Coimbra nos seus tempos de estudante. E uma outra reminiscência do passado irrompia também agora: o gosto pela música. Do mesmo modo que na sua ilha se deslumbrara com as Matinas do Espírito Santo, em que então se esmerava o Pe. Silvestre Serrão, comprazia-se agora com as interpretações dos grandes clássicos, ouvidas no Teatro de S. Carlos, “enroupado na sua velha casaca” como “assinante fiel duma frisa”.<sup>59</sup> Embora não fosse executante de qualquer instrumento musical, aprofundou conhecimentos teóricos suficientes para se poder pronunciar com segurança sobre peças, autores e orquestrações. O resto do tempo, descontadas as horas de aulas e de reuniões no Curso Superior de Letras, ia para os seus livros e para a placidez da vida de família.

Apesar de primordialmente devotado à construção da sua imponente obra de investigação, Teófilo Braga seguia atentamente a evolução política do seu tempo. As contínuas pressões dirigidas pela chancelaria britânica ao governo português no âmbito da gestão colonial convenceram-no de que a Grã-Bretanha não era mais do que uma potência cúpida, sem outros valores que não fossem os da defesa dos interesses próprios, ainda que estes carecessem de toda a legitimidade. A sua anglofobia levou-o a qualificá-la como “a Cartago do mundo moderno, que um dia terá de ser destruída pela necessidade da solidariedade dos povos para a civilização humana”.<sup>60</sup> Por isso, quando foram conhecidas as leoninas cláusulas do tratado de Lourenço Marques, que colocavam Portugal numa

## PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II

posição manifesta de inferioridade, Teófilo Braga publicou no jornal republicano *A Vanguarda* um conjunto de artigos de protesto. Neles, o professor do Curso Superior de Letras não se limitou a sublinhar que o procedimento diplomático britânico colocava Portugal na situação deplorável “de uma desgraçada feitoria inglesa”.<sup>61</sup> Acrescentou ainda que a dinastia de Bragança inaugurara uma tradição de subserviências, de favores pautais, de alienações de soberania colonial, de abdicação de brios patrióticos perante aquela que, por irrisão, se apresentava como nossa aliada. O tratado de Lourenço Marques era considerado “a página mais afrontosa da nossa história no século XIX”.<sup>62</sup> Assim, a sua crítica não vergastava apenas a ilegítima ambição inglesa, mas também levava ao pelourinho a própria instituição monárquica, através da galeria dos monarcas que mais notoriamente se lhe haviam rendido. Era uma galeria que se iniciara com D. João IV mas que abrangia igualmente a maior parte dos seus sucessores, incluindo D. Maria II e D. Luís. Foi ao calor dos protestos gerados pelo tratado que alguns dos mais distintos vultos do tempo decidiram, na peugada de Teófilo, atribuir ao tricentenário da morte de Camões, que iria ocorrer em 10 de Junho de 1880, um significado transcendente. Tratava-se de apelar para o mais profundo das forças anímicas da Grei, convertendo as comemorações tricentenárias no momento simbólico de uma revivescência colectiva. Importava, mais do que tudo, retirar o país do atoleiro da descrença que o paralisava e converter a festa camoniana no ponto de viragem para novos e mais altos objectivos patrióticos. O rei e os seus áulicos mantiveram perante o evento atitudes de distância e de alheamento, contribuindo poderosamente para a mobilização de todas as forças do Partido Republicano, que acabou por ser o principal beneficiário de toda esta movimentação, arrecadando as correspondentes vantagens de afirmação e de dinamização. Em termos individuais, contudo, os louros da iniciativa foram colhidos por Teófilo Braga e por Ramalho Ortigão, dado o facto de terem sido os rostos mais visíveis e empenhados desta notável jornada. Durante o ano de 1880, Teófilo desdobrou-se em alocuções e conferências de temática camoniana, apresentando-as em instituições académicas (Curso Superior de Letras), em sítios públicos de diversão (salão do Teatro da Trindade) ou até em agremiações populares (sala da Associação “Pelicano”). Saíram também da sua pena, para marcar a efeméride, um conjunto de

estudos específicos sobre a vida e obra de Luís de Camões, sendo de destacar a *Bibliografia Camoniana*, o *Retrato e Biografia de Camões*, o *Poema de Camões* e o *Centenário de Camões*.

Esta pertinaz actividade tornou Teófilo Braga uma figura popularíssima e forjou-lhe a fama de democrata exemplar no interior dos círculos republicanos. Não admira, portanto, que o tenham requisitado para uma infinidade de intervenções públicas e para o desempenho de numerosos lugares de representação honorífica. Entre 1881 e 1885, desdobrou-se em palestras, conferências e discursos, proferidos em comícios, centros e associações. Aceitaria a presidência do Centro Republicano Federal de Lisboa, mas iria recusar peremptoriamente, em carta inserta no jornal *A Vanguarda*, que fosse atribuído o seu nome à Associação Escolar e Eleitoral Pinto Ribeiro. Em 1882, operários de Lordelo do Ouro voltaram a querer baptizar de igual modo um clube eleitoral democrático de instrução, mas Teófilo manteve a mesma firmeza de rejeição. Neste ano, a Comissão Académica Executiva do Centenário do Marquês de Pombal requereu e obteve os seus bons ofícios, traduzidos em conferências abertas. Uma delas encontrava-se programada para o Teatro D. Maria II, mas o governo monárquico proibiu a utilização do espaço, forçando à utilização alternativa do Teatro do Rato. Teófilo descansava desta febricitante actividade recolhendo-se a Airão, no Minho, por altura das férias grandes.

Já atrás ficou dito que era harmonioso o ambiente do lar que o professor açoriano soubera construir. No refúgio de Santa Gertrudes compensava ele a solidão do estudo e da investigação, partilhando afectos com D.<sup>a</sup> Maria do Carmo Barros Leite, sua mulher, e com os dois filhos que esta lhe dera: Maria da Graça, a filha mais velha, e Teófilo, o mais novo. Subitamente, a desgraça atroz, quase inverosímil na sua sanha destruidora, abater-se-á sobre esta família. Em pouco mais de três meses, entre os finais de 1886 e os começos de 1887, a morte roubar-lhe-á ambos os filhos. O primeiro a finar-se foi o pequeno Teófilo, em 7 de Dezembro de 1886, no viço dos seus treze anos. O biógrafo nada mais tem a fazer, neste ponto, do que dar a palavra ao destroçado pai, revoltado:

“contra esta brutalidade da natureza que mata uma criança alegre, inteligente e cheia de esperança, que horas antes de expirar ainda pensava no prazer de viver. [...] A perda das minhas esperanças com a morte de um filho

## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

amado, com treze anos de idade, com uma comunhão moral tão completa comigo, a sua falta para sempre, o vazio que nos deixou nesta casa que ele enchia de risos, nada chega à pena que ele por si nos desperta por ter saído desta vida sem ter passado pela evolução que competia ao seu ser físico e moral. Eu aceito a dor como uma fatalidade; e tendo-o acompanhado noite e dia na sua doença, com as minhas mãos o amortizei e com santa piedade o meti no caixão, para que mãos estranhas não profanassem os restos deste naufrágio da minha alma. [...] Minha mulher me acompanhou e velou sozinha comigo esta criança encantadora, metendo-lhe nas mãos um pedaço da sua grinalda de noiva,

Filha de Teófilo Braga, Maria da Graça, falecida aos 16 anos, vítima de tuberculose, in Gaspar Diogo e Elsa Alípio (eds.), *As Primeiras Damas da República Portuguesa, 1910-2005*. Lisboa: Museu da Presidência da República, 2006.



guardada há dezanove anos para se desmanchar quando menos esperávamos. [...] Parece que nunca o amámos tanto como agora, que nunca o contemplámos, que nunca nos unimos mais do que nestas horas que se sucedem, aumentando a nossa perda, tornando mais inconsolável a nossa dor”.<sup>63</sup>

Mas a cega e bruta fatalidade quis completar a sua obra, levando à cova pouco depois, em 18 de Março de 1887, a filha mais velha, Maria da Graça, na flor dos seus dezasseis anos. Escrevendo à sua irmã freira, Maria José, Teófilo Braga caracterizava assim a sua pungentíssima tragédia familiar:

“A minha Maria da Graça, aquela criança linda, inteligente e incomparável na soberania de carácter e de pureza de alma, morreu-nos no dia 18 de Março, depois de uma lancinante agonia de catorze horas! Era a única filha que nos restava e com ela perdemos tudo, tudo. Entre a morte dela e a do Teofilinho, que ainda chorávamos todas as horas, mediamos apenas três meses e onze dias. Que fatalidade desabou sobre a minha casa e fez de um presente tão risonho e cheio de esperanças, um vazio, uma solidão material e moral, trocando todos os momentos da vida em uma dor sem consolação. E o que mais é, vejo-me forçado a abafar o meu desespero, para não deixar cair na loucura a pobre alma de minha mulher, ferida mortalmente na sua santa maternidade. [...] Nenhum golpe me podia ferir mais fundo e deixar-me vivo para sofrer mais esta angústia que cresce com o tempo. Estamos agora sem filhos! Não fazes ideia do que esta frase significa. Ao fim de vinte anos de casados, eu e a minha mulher achamo-nos sós diante um do outro, com três filhos na cova<sup>64</sup>, e olhando desalentados para um passado que tanto nos mentiu. Tem compaixão de nós”.<sup>65</sup>

A alma sensível de João de Deus vibrou em uníssono com a de Teófilo Braga, mobilizando poetas portugueses e brasileiros para que fosse elaborado um livro de homenagem às duas crianças falecidas. Anselmo de Moraes, o editor da *História da Literatura Portuguesa* de Teófilo, prontificou-se a imprimir essa obra. Esta surgiu em 1889, sob o título *A Maior Dor Humana*, comportando o subtítulo *Coroa de Saudades Oferecida a Teófilo Braga e Sua Esposa para a Sepultura de Seus Filhos*. A dimensão da terrível tragédia anulou os

## PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II

ressentimentos polémicos que Camilo Castelo Branco nutria para com aquele pai devastado. Aliás, o título da obra colectiva reproduziu o do belíssimo soneto composto por Camilo:

Que imensas agonias se formaram  
sob os olhos de Deus! Sinistra hora  
em que o Homem surgiu! Que negra aurora,  
que amargas condições o escravizaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,  
erguidas buscam Deus. A Fé implora.  
E o céu que respondeu? As mãos baixaram  
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai que em trevas vai sonhando,  
e apalpa as sombras deles onde os viu  
nascer, florir, morrer!... Desastre infando!

Ao teu abismo, pai, não vão confortos.  
És coração que a dor empederniu,  
sepulcro vivo de dois filhos mortos.<sup>66</sup>

Como reagiu Teófilo a este naufrágio de vida? A sua afectividade concentrou-se, como seria de supor, na sua companheira de sempre, procurando fazê-la esquecer os escombros da alma. Redigiu um testamento em 15 de Maio de 1887 através do qual pretendeu defendê-la contra pretensões ao património, eventualmente apresentadas por terceiros. Supomos que a sua preocupação determinante se centrava em direitos invocáveis pelo filho ilegítimo que deixara nos Açores. É também possível inferir do testamento a demarcação radical em relação a quaisquer contaminações religiosas. A crueza do seu drama, pela injustiça que lhe era inerente, reforçou-lhe o dissídio relativo ao império das teologias. Por isso, a sua declaração de vontade testamentária é taxativa na reclamação de um enterro civil, quando chegasse a sua hora.<sup>67</sup> Mas irá também reagir com o pragmatismo da sua transbordante actividade revolucionária e intelectual.

Iremos encontrar Teófilo Braga a exercer as funções de secretário do Directório do Partido Republicano por alturas do 11 de Janeiro de 1890, data do Ultimato inglês. A esse Directório pertencia também José Elias Garcia, individualidade à qual eram imputadas, por sectores republicanos mais aguerridos, várias cedências ideológicas e transigências

comprometedoras com sectores monárquicos. O Ultimato trouxe à ribalta do republicanismo uma nova geração, que o próprio Teófilo viria a caracterizar como “absolutamente activa”, distinguindo-a da “geração doutrinária” a que pertencia.<sup>68</sup> Estas duas gerações não poderiam deixar de entrar em conflito. O que estava em causa era a diferença metodológica com que se abordava a implantação dos valores democráticos: enquanto os “doutrinários” entendiam recorrer à persuasão pedagógica e transigiam com o jogo eleitoral, os “activos” consideravam esgotada a via da propaganda pacífica e queriam encetar, tão rapidamente quanto possível, a via da luta armada.<sup>69</sup> Em Lisboa, porém, a questão fundamental não era metodológica: era a de uma simples luta de poder entre facções. Havia claramente uma facção *anti-garcias*, à qual se ligavam nomes como os de Francisco Manuel Homem Cristo, Manuel de Arriaga ou Alves Correia. Quando se realizou na capital o 4.º Congresso do Partido Republicano, nas instalações da Associação Fernandes Tomás, os apoiantes de Elias Garcia foram postos em minoria e o Directório passou a ser encabeçado por Homem Cristo. Como Teófilo Braga se mantivera distante de todas estas controvérsias, foi com a maior naturalidade que anuiu a transitar para este novo Directório. No Porto, porém, não houve disputas partidárias. Houve, isso sim, uma romântica decisão de recorrer a meios violentos para vingar o vexame do Ultimato e instalar o regime republicano. Nos bastidores da revolta frustrada do 31 de Janeiro de 1891 irão mover-se contraditoriamente as figuras do momento. Essa contradição seria de tal monta que os protagonistas pareceram ter os seus papéis trocados. Quando os revoltosos portuenses apelaram para o apoio das figuras lisboetas mais emblemáticas, assistir-se-á ao paradoxo de o terem recebido com maior generosidade do Directório encabeçado pelo “pusilânime” e “transigente” José Elias Garcia; pelo contrário, o director Homem Cristo, que centrara a sua campanha no Congresso no mote da falta de firmeza anti-monárquica dos *garcias*, arrastará o novo Directório para um explícito boicote ao pronunciamento dos republicanos do Porto, alegando – com bons motivos – que tudo se estava a fazer precipitadamente e à margem do curial envolvimento de altas patentes militares. Como Teófilo transitara de um Directório para o outro, é natural que a sua posição tivesse sido incómoda e pouco transparente.

## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

Não se livrará das acerbadas acusações de Homem Cristo, num volume memorial e justificativo, publicado muito mais tarde.<sup>70</sup> Os homens do 31 de Janeiro sofreram as previsíveis condenações, exílios e deportações. Muitos deles jamais perdoariam ao Directório de Homem Cristo a falta de solidariedade, a indiferença e o abandono à sua sorte ingrata de vencidos. Teófilo Braga chegou mesmo a receber uma carta pessoal do conjurado Basílio Teles, na qual se exaravam as mais graves imputações de insensibilidade e de inércia desse mesmo Directório em relação às dificuldades de toda a ordem vividas no exílio pelos que tudo tinham arriscado no lance revolucionário.<sup>71</sup>

*Apesar de primordialmente  
devotado à construção da sua  
imponente obra de investigação,  
Teófilo Braga seguia  
atentamente a evolução política  
do seu tempo.*

Não andaremos longe da verdade se filiarmos nestas causas a decisão, tomada por Teófilo a partir de 1892, de moderar o seu envolvimento no partido e nas associações republicanas. Aos seus olhos, crescerá ainda mais a prioridade e importância do seu ofício de investigador. Não é que se tenha recusado a corresponder doravante aos mais diversos convites de agremiações identificadas com o seu próprio ideário. Mas passou a fazê-lo mais como convidado do que como militante. Por isso, as causas que abraçou até ao momento da proclamação da República foram de natureza marcadamente literária ou intelectual, encontrando-se claramente subalternizado, embora não totalmente anulado, um trabalho de teor vincadamente político. Assim, profundamente reconhecido a João de Deus pela iniciativa da publicação de *A Maior Dor do Mundo*, deu-se ao trabalho de coligir toda a sua produção poética, dispersa por inúmeras publicações, apresentando-a, na sua unidade e beleza, no volume *Campo de Flores*; por outro lado, ainda em sua homenagem, integrou diversas iniciativas em 1895, quando foi feita a João de Deus uma verdadeira apoteose nacional, coincidente com os seus 65 anos

de idade. Colaborou também no centenário de Almeida Garrett, em 1899, e no de Bocage, em 1905. Teve ainda a íntima satisfação de ver condignamente saudados os seus cinquenta anos de vida literária. Conforme deixámos dito, esta iniciara-se em 1858, quando Francisco Maria Supico lhe publicou, no jornal *Estrela Oriental*, da Ribeira Grande, o ingénuo poema “Canção do Guerreiro”, dedicado ao seu irmão João, obrigado por castigo pelo austero progenitor a fazer a tropa no ramo de Infantaria. Em 1908 cumprir-se-ia, portanto, meio século de produção literária. A comissão executiva da efeméride, à qual pertenciam, entre outros, Sebastião de Magalhães Lima, Agostinho Fortes, Heliodoro Salgado, Botto Machado e Marques Braga, iniciou os seus trabalhos dois anos mais cedo e pôde assim fazer publicar, no momento próprio, o livro do *Quinquagenário*, no qual o labor teofiliano foi julgado pela crítica de três gerações literárias.<sup>72</sup> Foi também recordado pelos estudantes daquele mesmo Liceu de Ponta Delgada, onde assegurara a um professor céptico que um dia viria a ser doutor, com a publicação do folheto glorificador *A Homenagem*. A rememoração dos filhos levou o casal a recolher-se durante várias férias grandes à quinta do Airão, no Minho, em romagem saudosa por lá terem soado, num passado mais feliz, os ruidosos folguedos dos seus meninos mortos. Quando sobreveio a demencial experiência política de João Franco, Teófilo Braga considerou-a “uma Ditadura desvairada que tudo anarquiza e afronta”,<sup>73</sup> mas não apareceu, como outrora, na crista das contestações. Porém, no período de estertor da monarquia, após o regicídio, voltamos a vê-lo a disputar eleições, tanto em 5 de Abril de 1908 como em 28 de Agosto de 1910, tendo sido, nestas últimas, um dos catorze deputados eleitos para o último parlamento monárquico.

Teófilo parece não ter tomado parte activa na conspiração revolucionária que derrubou pelas armas as instituições monárquicas em 5 de Outubro de 1910. Também não reunia consensos absolutos para ocupar lugares de destaque no novo regime. Pelo seu modo de ser e até pelo seu modo de trajar, concitava animosidades implacáveis. Uma delas foi a de José Relvas, que nas suas *Memórias Políticas* o denegriu em função do que designou como “fraqueza de carácter”,<sup>74</sup> falando igualmente nas suas descompostas vestes de prestamista. O facto, contudo é que seria ele a ocupar a honrosa função de Presidente do Governo Provisório

## PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II



Teófilo Braga no seu gabinete de trabalho, 1910.

da República triunfante. Uma parte da explicação poderá talvez coincidir com um movimento espontâneo popular, reconhecendo-o como a primeira figura do regime acabado de implantar. Foi essa, de resto a versão que ele próprio transmitiu à posteridade:

“surge o 5 de Outubro, proclama-se a República e, inesperadamente, achei-me saudado nas ruas de Lisboa por uma multidão ansiosa, quase delirante, que me tratava pelo ‘senhor presidente’. A ilusão depressa se converteu, confrangedoramente, em realidade. Não tardou que algumas centenas de excelentes pessoas me entrassem pela porta dentro pedindo-me entrevistas, autógrafos, empregos, subsídios e, até, dinheiro emprestado. Não havia dúvida: eu era, para todos os efeitos, o presidente da República”.<sup>75</sup>

A outra parte dessa explicação deverá procurar-se nas simpatias inspiradas pelo radicalismo do seu passado em figuras cimeiras do republicanismo – como foi o caso de Afonso Costa – ou até em relações de estima mantidas com pessoas que não sendo propriamente jacobinas lhe apreciavam a inteireza cívica – e neste caso caberá certamente a individualidade de Bernardino Machado.

A passagem pelo poder cimeiro não lhe foi agradável, nem poderia sê-lo, atendendo à quase imediata luta travada entre os chefes potenciais das futuras formações partidárias que iriam nascer da quebra de unidade do histórico Partido Republicano. As grandes clivagens, prenunciadoras da emergência dos três partidos republicanos que marcaram a política portuguesa, sobretudo até ao sidonismo, manifestaram-se nas manobras que antecederam a eleição do primeiro presidente. Afonso Costa, que já dera mostras do mais vivo anticlericalismo no exercício do seu cargo de ministro da Justiça do Governo Provisório, patrocinava a candidatura de Bernardino Machado, colocando o jornal *O Mundo* ao serviço das suas estratégias. Porém, António José de Almeida constituiu com Brito Camacho um “bloco”, pretendendo através dele frustrar o intento de Costa e favorecer a eleição de Manuel de Arriaga. Daí que o conluio “bloquista” se tenha manifestado através da sintonia das opiniões de Almeida e de Camacho, expressas através dos jornais onde cada um deles pontificava, ou seja, através de *A República* e de *A Luta*, respectivamente. O “bloco” acabou por eleger Manuel de Arriaga e por evitar que Teófilo Braga viesse a presidir à Câmara dos Deputados, onde anichou

## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

Forbes Bessa.<sup>76</sup> O terreno minado da política pura e dura, com os seus jogos maquiavélicos e as suas pérfidas inquinações, exigiu de Teófilo uma definição na luta em marcha. Ora, ele fora desde sempre um jacobino, um doutrinário federalista, guardando o seu reduto na ala esquerda do Partido Republicano. Acompanhou, portanto, a sorte dos adeptos de Afonso Costa, embora com a ressalva da sua completa independência de juízo. Este pano de fundo ajudar-nos-á a compreender a decepção que ressuma de certas passagens dos seus escritos:

“Esses longos meses na chefia do Governo Provisório foram a expiação de males que eu não praticara e que, ao contrário, sempre tentara evitar. Aqueles que, nas horas incertas, me procuraram, arrancando-me à paz dos meus livros, foram os primeiros a atirar-me a sua pedra. Quis fazer da República um jardim: as lagartas comiam as flores, ao plantá-las”.<sup>77</sup>

E não se coibiu de identificar estas lagartas do jardim republicano:

“Era o caldo substancial, feito para o povo, com a água que criava boas hortaliças e vinha duma rocha límpida. A couve já não presta. Tem duas lagartas: o Camacho e o Almeida”.<sup>78</sup>

Como se verifica, não foram pacíficas estas horas de triunfo político. Participou no Parlamento constituinte que daria origem à Constituição de 1911. Não deixou de aí apresentar o seu próprio projecto de texto constitucional, mas os seus pontos de vista não foram secundados pela maioria dos deputados.<sup>79</sup>

Por este tempo, Teófilo Braga vivia mais um drama familiar: a sua mulher resvalara para a insânia mental, traduzida numa apatia profunda, carecendo mais do que nunca da sua ajuda. Faleceu em 14 de Setembro de 1911. Singular destino, o deste homem, que desconfiando por princípio da inocência e boa-fé dos outros, concentrou todas as suas esperanças na família, decidindo recolher-se à intimidade do lar como se só aí pudesse encontrar aliados sinceros e repouso compensador. Singular e punitivo foi este decreto de uma existência que construiu uma cidadela supostamente inexpugnável para a ver desabar sem remissão, em golpes certos, ferozes, inexoráveis. Outros, menos resistentes, teriam abatido bandeiras, numa mais do que compreensível capitulação. Mas Teófilo foi sempre uma Vontade, um Orgulho, uma Afirmação, uma “Consciência” “que *não sabe*

*capitular*”.<sup>80</sup> Deste arcaboço moral inteiriço retirou ele, nos momentos mais angustiosos da sua vida, o impulso vital para perseverar na existência. Dias depois de falecer sua mulher, escreveu uma carta a Joaquim de Araújo que comprova esta jura de prosseguimento de caminhada, esta renitência a confessar uma derrota, esta irredutibilidade na recusa da rendição. Dizia:

“Aqui estou sozinho na mesma casa e na mesma forma de viver, mas cerca-me o vácuo. [...] **Volto a ser o antigo estudante solitário.**<sup>81</sup> Amei, fiz a minha família, trabalhei para ela, e, nesta trajectória da vida, perdi os filhos, agora a esposa – e acordo de um sonho, de um idílio, de uma tragédia, de um naufrágio, de quarenta e três anos. Valeu a pena? Antero diria que não; eu acho que foi uma revelação da vida equilibrada entre duras realidades e altos ideais. E já é uma grande coisa poder dizer: – *Vivi*”.<sup>82</sup>

Teófilo desejou para si, nesta última fase da sua vida, um isolamento doméstico completo. Não contratou serviços internos permanentes e era ele que abria a porta da sua Tebaida a quem o procurava. Fazia longas vigílias nocturnas, para fazer render o estudo e para escrever em concentração, na serenidade da noite que avançava. Como era habilidoso de mãos e dado à improvisação de engenhocas úteis, concebeu um suporte que, encaixado no candeeiro do gás de iluminação, lhe permitia aquecer o leite ou o chá que ia sorvendo durante o seu labor nocturno.<sup>83</sup>

O mandato presidencial de Manuel de Arriaga foi feito ao arrepio do Partido de Afonso Costa, vulgarmente conhecido como Partido Democrático, e procurando satisfazer os anseios do Partido Evolucionista, de António José de Almeida, e do Partido da União Republicana, de Brito Camacho. O veredicto das urnas consagrara a hegemonia dos “democráticos”, mas tanto os “evolucionistas” como os “unionistas” procuraram retirar dividendos do facto de ter sido o “bloco” a eleger Arriaga. A animosidade de Teófilo contra este presidente era antiga e vivaz. Assim, escrevendo a Fran Paxêco em Abril de 1914, o estudioso de Santa Gertrudes generalizava a sua execração, metendo no mesmo saco de repulsa os eleitores e o eleito:

“De política, só lhe direi que, enquanto alguns fermentos pútridos intervierem na marcha da república, andarás tudo aéreo e apático. Improvisando-se um presidente, por manejos do execrando bloco, aquele amolda-se a vibrar golpes

## PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II



Teófilo Braga, chefe do Governo Provisório, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Bernardino Machado.

de estado, dissolvendo ministérios com maioria parlamentar, e exibindo programas pessoais de governo”.<sup>84</sup>

O diagnóstico traçado revelou-se exacto. Nos inícios de 1915 verificou-se uma demonstração militar inconsequente ou “movimento das espadas” contra o gabinete “democrático”, com apoio parlamentar maioritário, de Vítor Hugo de Azevedo Coutinho. O Presidente Arriaga, contra todas as praxes constitucionais, decidiu encarregar o general Pimenta de Castro de formar um governo extra-partidário, vindo este a revelar-se de uma notória pusilanimidade quanto às pretensões dos saudosos da monarquia. A revolução triunfante de 14 de Maio de 1915, organizada fundamentalmente por figuras afectas ao partido de Afonso Costa, obrigou Manuel de Arriaga a renunciar à função presidencial dois

dias depois. Teófilo Braga, eleito pelo Congresso, foi o presidente que o substituiu, em interinidade de funções. Não há que duvidar do regozijo com que o velho professor do Curso Superior de Letras desempenhou essas funções até às subseqüentes eleições de 6 de Agosto, que levaram à cadeira presidencial Bernardino Machado, o eterno candidato dos “democráticos”. É que tal resultado consagraria, aos seus olhos, não apenas a reposição da legalidade democrática mas também a derrota das “lagartas” predadoras do seu idealizado jardim republicano. Foi o seu último desempenho de vulto ao serviço da sua República, que desejava racionalista, livre-pensadora e radicalmente laica.

Pode um homem muito gasto e velho, preocupado apenas com alfarrábios e papéis amarelados pelo tempo, frágil e cada vez mais dependente, inteiramente

## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

devotado à leitura e à escrita, pode um homem destes continuar a ser visto como uma ameaça por opositores políticos? Pode. Mas essa possibilidade só existe para os que se converteram em símbolos e entraram, sem retorno, num imaginário colectivo onde se fundem afectos e ressoam esperanças de futuro. Faltava a Teófilo Braga coleccionar certa forma de homenagem que a Autoridade exorbitante presta à Liberdade natural sob a forma do ódio de estimação que só se tem por quem se teme. Quando, em Dezembro de 1917, Sidónio Pais interrompeu a experiência democrática do republicanismo e enveredou pela via ditatorial uma das suas decisões foi a de remover o retrato de Teófilo do Palácio de Belém.

A sua energia mental não sofreu diminuição quando entrou no período final da sua vida. Confiou aos mais chegados alguns dos seus sonhos, a realizar por amigos fiéis depois da sua morte. Queria que se instalasse na zona da Estrela uma “Casa de Teófilo” ou um “Instituto Teofiliano” que o perenizasse; também falou na possibilidade da fundação de um Colégio Maria da Graça, evocativo da sua defunta filha; tencionava doar a sua casa e livreria ao município de Lisboa.<sup>85</sup> O correr dos últimos anos foi-lhe prejudicando a visão, até à quase cegueira. Apelou então a antigos discípulos, para que pudesse dar continuidade à publicação dos seus volumes. É que, apesar da drástica redução da sua acuidade visual, Teófilo Braga teimava em corrigir a sua *História da Literatura Portuguesa* mediante uma *Recapitulação* que a libertasse dos erros e inexactidões, muitos dos quais provinham da precipitação com que realizava as suas sínteses, nessa febre de produzir mais e mais, que o consumia sem o saciar. Para além deste trabalho de revisão científica, congeminara um romance, que estava em marcha, sobre a vida e feitos filosóficos do livre-pensador Uriel da Costa. No dia 26 de Janeiro de 1924 ditava uma carta para os seus editores da Lello & Irmão que rezava assim:

“Eu estou numa situação deplorável, não vejo para ler, nem para escrever; preciso de um secretário inteligente que leia e que escreva ao meu ditado. Por dinheiro não há ninguém que me preste este auxílio; somente o favor de antigos discípulos meus que me cedem cada um duas horas na semana, às terças, quintas, sextas e sábados e assim consigo dar forma ao meu pensamento. Pedia agora que a remessa das provas fosse de acordo com a situação em que me acho,

que resulta do favor que me prestam os discípulos que me mostram tão boa vontade”.<sup>86</sup>

Neste mesmo dia confidenciou a um amigo que só tinha conseguido repousar sobre a madrugada.

“Na manhã de 28 [...] quando uma sobrinha que lhe ia levar todos os dias as parcas refeições entrou no quarto, encontrou-o morto, semi-vestido, sobre a cama”.<sup>87</sup>

Extinguiu-se pouco antes de fazer 81 anos.

Enterraram-no numa ala do Mosteiro dos Jerónimos, sob a malévola dicacidade do beatério, escandalizado com a presença dos ossos de um ateu no espaço sacro. Em 12 de Dezembro de 1966, os seus restos mortais foram mudados para o Panteão Nacional de Santa Engrácia. Nem uma só das suas vontades finais tiveram concretização. A casa e livreria não passaram à propriedade municipal; o Instituto teofiliano ou o colégio Maria da Graça nunca surgiram; para que a sua preciosa biblioteca e todos os seus autógrafos não fossem parar à insensibilidade comercial dos alfarrabistas foi necessária a intervenção do Dr. Luís Bettencourt de Medeiros Câmara, que, como Presidente da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada, conseguiu levar livros e papéis para esta cidade. E os objectos, que lhes aconteceu? Foram leiloados em 10 de Março de 1929, decorrendo a almoeda no interior da própria casa que Teófilo habitara. Essa profanação transferiu para mãos estranhas, decerto mais atentas ao valor venal ou à utilidade imediata de tais coisas do que ao seu significado simbólico a secretária de trabalho, a pasta de quintanista de Direito, bordada por Dona Maria do Carmo, a caneta, o guarda-chuva emblemático... Algumas sobras foram para um pequeno punhado de admiradores licitantes. O republicano Fernandes Baptista conseguiu ficar com o tinteiro de prata oferecido a Teófilo pelos editores Lello, bem como com o capelo universitário e com o *Diário do Governo* que se reportava à constituição do Governo Provisório. Por seu turno, Álvaro Neves, mandatado pela Comissão Teófilo Braga, conseguiu arrematar a meia dúzia de instrumentos de oficina com que o extinto fabricara os brinquedos dos filhos e com que se dera à execução de trabalhos artísticos em madeira. A narrativa do leilão surgiu, anónima, no *Diário de Notícias*. Rematava assim: “Tudo o que foi caro e familiar a Teófilo Braga se dispersa pela cidade – últimas folhas de inverno, levadas por um vento melancólico, naquela tarde sem vento”.<sup>88</sup> **RC**

## PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II

## NOTAS

- 1 Cfr. José Bruno Carreiro, *Vida de Teófilo Braga. Resumo Cronológico*, pp. 17-18.
- 2 Cfr. Rebelo de Bettencourt, *Teófilo Braga, Mestre Nacionalista. Com Duas Cartas Intimas e Uma Breve Antologia Poética*, Lisboa: Edição da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1942, pp. 9-14.
- 3 Na sua “Autobiographia mental de um pensador isolado”, in *Quarenta annos de vida litteraria*, p. v), Teófilo voltou a aludir a “uma infância atormentada dos quatro aos dezoito anos sob a pressão antipática de uma madrastra”.
- 4 João Anglin, “Teófilo aluno do nosso liceu”, in *Primeiro Centenário do Nascimento do Doutor Teófilo Braga. Edição Comemorativa da Câmara Municipal de Ponta Delgada*. Ponta Delgada, S. Miguel-Açores: Oficinas Tipográficas do *Diário das Açores*, 1944, pp. 161-162.
- 5 Cfr. *ibidem*, pp. 122-123.
- 6 Cfr. Fran Paxêco, *A Escola de Coimbra e a Dissolução do Romantismo. 1865-1915*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, Livraria Editora, 1917, p. 73.
- 7 Cfr. José Bruno Carreiro, *Vida de Teófilo Braga...*, p. 32.
- 8 Carta transcrita por José Bruno Carreiro, *ibidem*, p. 38.
- 9 Carta de Teófilo Braga para Francisco Maria Supico, com data de 26 de Janeiro de 1862, transcrita em Francisco Maria Supico, *Mocidade de Theophilo. Subsídios Bio-bibliographicos para o Estudo da Obra de Theophilo Braga*. Lisboa: Instituto Theophileano, 1920, p. 155.
- 10 Cfr. A. do Prado Coelho, *Teófilo Braga. Notas de Estudo*, Lisboa, 1936, p. 6. Separata da *Revista da Faculdade de Letras*, t. 2.
- 11 Carta de Teófilo Braga para Maria do Carmo Barros Leite, de 6 de Outubro de 1865, in *Cartas de Marcelo* (provas tipográficas de um livro projectado mas não publicado por Álvaro Neves, com base numa colecção de cartas disponibilizadas por Teófilo Braga ao compilador), p. 1.
- 12 Eça de Queirós, “Um génio que era um santo”, in *Anthero de Quental. In Memoriam*. Porto: Mathieu Lugan Editor, 1896, p. 485.
- 13 Cfr. Manoel d’Arriaga, “Ao correr da penna (Notas)”, *ibidem*, p. 98-99.
- 14 Cfr. José Bruno Carreiro, *Anthero de Quental. Subsídios para a Sua Biografia*. Ponta Delgada: Instituto Cultural/Braga: Livraria Editora Pax, 1981, vol. 1, pp. 164-170.
- 15 Cfr. in Francisco Maria Supico, *Mocidade de Theophilo...*, p. 168.
- 16 Cfr. João Machado de Faria e Maya, “Memórias”, in *Anthero de Quental. In Memoriam*, pp. 154-155.
- 17 “O Antero de Quental é o meu alter ego. Quer introduzir-me no seio da sua rapaziada literária” (Carta de Teófilo Braga para Francisco Maria Supico, de 19 de Abril de 1861, transcrita por Francisco Maria Supico, *Mocidade de Theophilo...*, p. 139).
- 18 Teófilo Braga, “Autobiographia mental de um pensador isolado”, in *Quarenta annos de vida litteraria*, p. vii.
- 19 Cfr. Olga de Moraes Sarmiento, *Theophilo Braga (Notas e Commentarios)*. Lisboa: Tipografia da Imprensa Lucas & C.ª, 1925, pp. 49-50.
- 20 Cfr. Amadeu Carvalho Homem, *A Ideia Republicana em Portugal. O Contributo de Teófilo Braga*, pp. 27-29.
- 21 Cfr. Fran Paxêco, *A Escola de Coimbra...*, pp. 80-81.
- 22 Carta de Teófilo Braga para Francisco Maria Supico, de 25 de Abril de 1864, transcrita em José Bruno Carreiro, *Vida de Teófilo Braga...*, p. 46.
- 23 Cfr. Joaquim de Araújo, “Ensaio de bibliographia antheriana”, in *Anthero de Quental. In Memoriam*, p. xlvii.
- 24 Cfr. *Quinquagenario. 1858 a 1908. Cincoenta Annos de Actividade mental de Theophilo Braga julgados pela critica contemporanea de tres gerações litterarias*, p. 108.
- 25 Carta referida na nota 22, p. 46.
- 26 Carta de Teófilo Braga para Francisco Maria Supico, de 22 de Maio de 1864, *ibidem*.
- 27 Carta de Teófilo Braga para Francisco Maria Supico, de 27 de Junho de 1864, *ibidem*, p. 47.
- 28 Cfr. Francisco Maria Supico, *Mocidade de Theophilo...*, pp. 231-234.
- 29 Carta de Teófilo Braga a Francisco Maria Supico, de 20 de Maio de 1864, *ibidem*, p. 220.
- 30 Cfr. Theophilo Braga, *As Modernas Ideias na Litteratura Portuguesa*, vol. 2, p. 312.
- 31 João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Eça de Queirós*. Amadora: Livraria Bertrand, 1980, 3.ª ed., pp. 56-57.
- 32 Cfr. António Feliciano de Castilho, “Crítica Literária”, in Alberto Ferreira/Maria José Marinho, *Bom Senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, 2.ª ed., pp. 175-230.
- 33 Cfr. Antero de Quental, “Bom Senso e Bom Gosto”, *ibidem*, pp. 231-247.
- 34 Cfr. Teófilo Braga, “As Teocracias Literárias”, *ibidem*, pp. 331-341.
- 35 Amadeu Carvalho Homem, *Do Romantismo ao Realismo. Temas de Cultura Portuguesa (Século XIX)*, Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 2005, p. 56.
- 36 *Ibidem*.
- 37 “Digamos a verdade toda. O Sr. Castilho deve a sua celebridade à infelicidade de ser cego. O que se espera de um cego? Apenas habilidade. É uma celebridade triste porque tem origem na compaixão, e a compaixão fatiga-se” (Teófilo Braga, “As Teocracias Literárias”, pp. 339-340).
- 38 Carta de Teófilo Braga a Maria do Carmo Barros Leite, de 15 de Janeiro de 1866, Biblioteca Pública de Ponta Delgada – Espólio de Teófilo Braga, cx. n.º 20 de correspondência.
- 39 Carta de Teófilo Braga a Maria do Carmo Barros Leite, de 4 de Março de 1866, *ibidem*.
- 40 Carta de Teófilo Braga a Maria do Carmo Barros Leite, de 14 de Abril de 1866, *ibidem*.
- 41 Cfr. Francisco Maria Supico, *Mocidade de Theophilo...*, pp. 250-254.
- 42 “Concorri à cadeira de Economia Política da Academia Politécnica do Porto. Deitaram-me onze favas pretas. António Girão, então lente do estabelecimento, disse que só um concorrente era água. Foi votado um cunhado de um membro do júri...” (Entrevista com Teófilo Braga conduzida por Rocha Martins, “Cincoenta annos de litteratura”, in *Illustração Portuguesa*, 2.ª série, 1.º semestre, Lisboa, 1906, p. 22).
- 43 Carta de Alexandre Herculano a Oliveira Martins, in *Quarenta annos de vida litteraria (1860-1900)*, p. 78 (nt. 1 da p. 77).
- 44 Cfr. *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução publica portugueza*, vol. 4 – 1801 a 1872. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1902, pp. 546-554.
- 45 Veja-se o depoimento de Sampaio Bruno sobre Moreira de Sousa na obra *Os Modernos Publicistas Portuguezes*. Porto: Livraria Chardron, 1906, p. 307.
- 46 Leiam-se as considerações iniciais de Teófilo Braga na *Visão dos Tempos*. t. 1 - *Cyclo da Fatalidade*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron/Casa Editora M. Lugan, Successor, 1894.
- 47 Para Teófilo Braga, a originalidade do trabalho de Comte consistiu em estabelecer a justa dependência entre as ciências e a filosofia, tarefa até então gorada pelo excesso de especialização científica e pelo apriorismo das especulações. Considerou, por isso, “a missão de Augusto Comte na história intelectual da Humanidade” como “brilhante e decisiva no intuito, mas transitória na forma” (“Disciplina mental”, in *O Positivismo*, Primeiro Anno, n.º 1, Outubro-Novembro, Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz-Editores, 1878, p. 14).

## PORTUGAL E CHINA: DUAS REVOLUÇÕES, DOIS CENTENÁRIOS – II

- 48 Cfr. Amadeu Carvalho Homem, *Teófilo Braga. Ramalho Ortigão. Antero de Quental. Diálogos Difíceis*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009, pp. 92-94.
- 49 Albino Forjaz de Sampaio, *Grilhetas*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1916, p. 127.
- 50 Hernâni Cidade, *Doutor Teófilo Braga. As Directrizes da Sua Obra de História Literária*, p. 5.
- 51 Eugénio de Castro, *Cartas de Torna-viagem*. Lisboa: Lumen/Coimbra: Atlantida, 1926, vol. 1, p. 47.
- 52 Mateus Moreno, “Dr. Teófilo Braga”, in *Alma Nova*, n.º 13-15, 3.ª série, vol. 2, Lisboa, Janeiro-Março de 1924, p. 13.
- 53 A. R. Galiano Tavares, *Prateleira de Insignificâncias. Um Ano de Modesto Jornalismo*. Porto, Empr. Indust. Gráfica do Porto, [s. d.], pp. 40-41.
- 54 Cfr. Teixeira Bastos, *Theophilo Braga e a Sua Obra*, pp. 14-16.
- 55 Para um conhecimento mais minucioso da forma como se desenvolveu o plano de publicação da revista *O Positivismo* leia-se António Ferrão, *Teófilo Braga e o Positivismo em Portugal. Com um Núcleo de Correspondência de Júlio de Matos para Teófilo Braga*.
- 56 Amadeu Carvalho Homem, *A Ideia Republicana em Portugal...*, p. 65.
- 57 J. D. Ramalho Ortigão, *Theophilo Braga. Esboço biographico*, p. 16.
- 58 Albino Forjaz de Sampaio, *Grilhetas*, pp. 127-128.
- 59 Olga de Moraes Sarmento, *Theophilo Braga...*, p. 25.
- 60 Teófilo Braga, *Soluções Positivas da Política Portuguesa*. Porto: Livraria Chardron, 1912, vol. 1, p. 199.
- 61 Teófilo Braga, “Os nossos fiéis aliados”, in *A Vanguarda*, n.º 7, 20 de Junho de 1880, p.1, col. 1.
- 62 Teófilo Braga, *Soluções Positivas...*, p. 245.
- 63 Carta de Teófilo Braga a Francisco Maria Supico, de 21 de Janeiro de 1887, in José Bruno Carreiro, *Vida de Teófilo Braga...*, pp. 81-82.
- 64 O primeiro filho do casal não vingou, tendo falecido em Fevereiro de 1869, pouco depois do nascimento.
- 65 Carta de Teófilo Braga a sua irmã Maria José, de 4 de Abril de 1887, in José Bruno Carreiro, *Vida de Teófilo Braga...*, pp. 83-84.
- 66 Cfr. Teixeira Bastos, *Theophilo Braga e a Sua Obra*, pp. 17-21; *Cartas de Teófilo Braga a António Tomás Pires (1883-1911)*. Prefácio e notas de Eurico Gama. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1968 (Separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. xxiii), p. 22, nt. 32.
- 67 Cfr. José Bruno Carreiro, *Vida de Teófilo Braga...*, pp. 84-86.
- 68 Cfr. Teófilo Braga, *Discursos sobre a Constituição Política da Republica Portuguesa. Proferidos na Discussão da Generalidade e Especialidade, nas Sessões de 18 de Julho e 2 de Agosto de 1911, na Assembleia Nacional Constituinte*, p. 23.
- 69 Cfr. Amadeu Carvalho Homem, *A Propaganda Republicana (1870-1910)*. Coimbra: Coimbra Editora (distrib.), 1990, pp. 27-50.
- 70 Cfr. Homem Christo, *Monarchicos e Republicanos. Apontamentos para a História Contemporânea*. Porto: Tip. da Agência de Publicidade Nunes e Rocha, 1928, pp. 303-312.
- 71 Cfr. Amadeu Carvalho Homem, *Da Monarquia à República*. Viseu: Palimage Editores, 2001, pp. 111-112.
- 72 Cfr. *Quinquagenario. 1858 a 1908...*
- 73 Teófilo Braga, “Bernardino Machado – 28 de Julho de 1907”, in *Memorial do Doutor Teófilo Braga. 1843-1924*, p. 448.
- 74 José Relvas, *Memórias Políticas*. Lisboa: Ed. Terra Livre, 1977, p. 98.
- 75 Declarações prestadas ao Dr. Luís de Oliveira Guimarães e transcritas no artigo de Miranda e Costa “Teófilo Braga. Um micaelense que foi um grande Português”, in *Primeiro Centenário do Nascimento do Doutor Teófilo Braga*, p. 148.
- 76 Cfr. Amadeu Carvalho Homem, *A Ideia Republicana em Portugal...*, pp. 75-77.
- 77 Miranda e Costa, “Teófilo Braga. Um micaelense...”, p. 149.
- 78 Citado por Rocha Martins, “Nos bastidores da história contemporânea – Ditados, sínteses e comentários de Teófilo”, in *Fantoches*, n.º 58, 9 de Fevereiro de 1924, p. 13.
- 79 Cfr. Teófilo Braga, *Discursos sobre a Constituição Política da Republica Portuguesa...*
- 80 J. A. da Silva Cordeiro, *A Crise em seus Aspectos Moraes. Introdução a uma Bibliotheca de Psychologia Individual e Collectiva*. Coimbra: F. França Amado Editor, 1896, p. 383.
- 81 Sublinhado nosso.
- 82 Carta de Teófilo Braga a Joaquim de Araújo, de 17 de Outubro de 1911, in *Memorial do Doutor Teófilo Braga...*, p. 494.
- 83 Cfr. Marques Guedes, “A livraria e a casa de Teófilo”, *O Primeiro de Janeiro*, 60.º ano, 8 de Dezembro de 1928, p. 1, col. 2.
- 84 Carta de Teófilo Braga a Fran Paxêco, de 6 de Abril de 1914, in Fran Paxêco, *Cartas de Teófilo*. Lisboa: Portugália Editora, 1924, p. 79.
- 85 Cfr. Álvaro Neves, “Notas teofilianas”, in *Memorial do Doutor Teófilo Braga...*, p. 28; Gomes de Carvalho, “O maior de todos os democratas”, *ibidem*, pp. 212-213; Olga de Moraes Sarmento, *Theophilo Braga...*, pp. 30-31.
- 86 Carta de Teófilo Braga aos editores Lello & Irmão, de 26 de Janeiro de 1924, transcrita por Álvaro Neves, “Doutor Teófilo Braga. Bio-bibliografia”, in *Memorial do Doutor Teófilo Braga...*, p. 465.
- 87 Mateus Moreno, “Dr. Teófilo Braga”, *Alma Nova*, n.º 13-15, 3.ª série, vol. 2, p. 13.
- 88 “Um leilão. Na casa onde viveu Teófilo Braga foram ontem vendidos os seus móveis e muitos objectos de seu uso”, *Diário de Notícias*, 65.º ano, n.º 22 670, 11 de Março de 1929, p. 1, col. 2.

## PORTUGAL AND CHINA: TWO REVOLUTIONS, TWO CENTENARIES – II

## BIBLIOGRAFIA

- Bastos, Teixeira. *Theophilo Braga e a Sua Obra*. Porto: Casa Editora Lugan & Genelioux, Successores, 1892.
- Braga, Teófilo. *Discursos sobre a Constituição Política da Republica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1911.
- . *Dissolução do Systema Monarchico Representativo*. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1881.
- . *Historia da Universidade de Coimbra nas Suas Relações com a Instrução Publica Portuguesa*. Lisboa: Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892-1902 (4 vols).
- . *História das Ideias Republicanas em Portugal*. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1880.
- . *As Modernas Ideias na Litteratura Portuguesa*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1892 (2 vols).
- . *Soluções Positivas da Politica Portuguesa. Da Aspiração Revolucionaria e Sua Disciplina em Opinião Democrática*. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1879.
- . *Systema de Sociologia*. Lisboa: Typographia Castro Irmão, 1884.
- . *Tempestades Sonoras*. Porto: Casa da Viúva Moré Editora, 1864.
- . *Theocracias Litterarias*. Lisboa: Typographia Universal, 1865.
- . *Theoria da Historia da Litteratura Portuguesa*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1872.
- . *Visão dos Tempo*. Porto: Casa da Viúva Moré Editora, 1864.
- Carreiro, José Bruno. *Vida de Teófilo Braga. Resumo Cronológico*. Coimbra: Coimbra Editora, 1955.
- Cidade, Hernâni. *Doutor Teófilo Braga. As Directrizes da Sua Obra de História Literária*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1935. Separata da *Revista da Faculdade de Letras*, t. 2.
- Coelho, A. do Prado. *Teófilo Braga. Notas de Estudo*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1935. Separata da *Revista da Faculdade de Letras*, t. 2.
- Ferrão, António. *Teófilo Braga e o positivismo em Portugal (com um Núcleo de Correspondência de Júlio de Matos para Teófilo Braga)*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1935.
- Homem, Amadeu Carvalho. *A Ideia Republicana em Portugal. O Contributo de Teófilo Braga*. Coimbra: Livraria Minerva, 1989.
- In Memoriam do Doutor Teófilo Braga. 1843-1924*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1934.
- Ortigão, J. D. Ramalho. *Theophilo Braga. Esboço Biographico*. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1879.
- Quarenta Annos de Vida Litteraria (1860-1900). Com um Prologo 'Autobiographia Mental de um Pensador Isolado por Theophilo Braga'*. Lisboa: Typographia Lusitana Editora Arthur Brandão, 1902.
- Quinquagenario. 1858 a 1908. Cincoenta Annos de Actividade Mental de Theophilo Braga Julgados pela Critica Contemporanea de Tres Gerações Litterarias*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, José Bastos & C., 1908.
- Soares, Mário. *As Ideias Políticas e Sociais de Teófilo Braga*. Lisboa: Centro Bibliografico, 1950.